

ESPORTE ESCOLAR E GÊNERO

“UMA ANÁLISE SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E O FUTSAL NA ESCOLA”

Prof^o. Esp. Mário Moreno Rabelo Silva
Mestrando em Educação pela UNIMEP

Pro^a. Ms. Heliany Pereira dos Santos
Faculdade de Educação Física – UFG/Catalão.

RESUMO: O presente trabalho de pesquisa caracteriza-se como de campo e traz para a discussão, uma reflexão acerca das relações de gênero e o futsal nas aulas de Educação Física em Catalão-GO e apresentamos como problemática: como se configuram as relações de gênero entre meninos e meninas, nas aulas de Educação Física do 6^o e 7^o ano, ao tratar o conteúdo do futebol/futsal, em Escolas Públicas Estaduais de Catalão – GO. Como objetivo geral, pretendemos identificar e analisar a configuração das relações de gênero em aulas de Educação Física dos 6^o e 7^o anos, quando o conteúdo é o futebol/futsal, nestas escolas e como objetivos específicos, contextualizar as principais discussões sobre gênero na escola; analisar a inserção da mulher no contexto do futebol/futsal e identificar e analisar as aulas de Educação Física nas Escolas Estaduais e detectar como se configura as relações de gênero entre meninos e meninas do 6^o e 7^o ano quando o conteúdo é o futsal. Como metodologia utilizamos como amostra 03 Escolas Públicas Estaduais, em cada escola definimos duas (02) turmas, sendo uma (01) do sexto (6^o) ano e uma (01) do sétimo (7^o) ano. Nosso referencial teórico se pauta nas discussões de Altmann, Louro, Saraiva, entre outros, destacando as principais contribuições dos autores sobre as questões de gênero na escola. Percebemos com esta pesquisa, que as relações que se configuram nas aulas de Educação Física entre meninos e meninas em Catalão-GO, contribuem para perpetuar as relações separatistas entre homens e mulheres, estabelecidas e cultuadas pela sociedade como valores absolutos priorizando o masculino em detrimento do feminino. Isso significa que a aula de Educação Física em separado para as meninas e meninos deveria ser evitada, porque somente em conjunto poderá ser buscada a igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos, fatores esses necessários para a construção de relações entre iguais que, julga-se, podem impulsionar a transformação social.

Palavras-Chave: Educação Física; Gênero; Futebol.

1. INTRODUÇÃO

O futebol por ser o esporte mais “querido” no país, é abordado em várias literaturas acadêmicas relacionados a diversos aspectos. Em contrapartida, abordagens voltadas às aulas de educação física, sobretudo que discutem questões relevantes, como as de sexualidade e gênero no futebol, são pouco discutidas, principalmente no meio acadêmico.

Partindo deste princípio, pretendemos neste ensaio, abordar o tema Gênero e futebol/futsal¹ na escola, trazendo alguns autores que discutem tal tema como: Altmann, Louro, Saraiva, entre outros, de modo a destacar como estes vêm pensando e trabalhando as questões de gênero nas aulas de educação física.

Sendo assim, nosso trabalho indaga a seguinte questão - problema: Como se configuram as relações de gênero entre meninos e meninas, nas aulas de Educação Física do 6º e 7º ano, ao tratar o conteúdo do futebol/futsal, em Escolas Públicas Estaduais de Catalão – GO. E com isso, o objetivo geral, perpassa por identificar e analisar essa configuração das relações de gênero em aulas de Educação Física dos 6º e 7º anos, quando o conteúdo é o futebol/futsal, nestas escolas. Bem como, os objetivos específicos são: contextualizar as principais discussões sobre gênero na escola; analisar a inserção da mulher no contexto do futebol / futsal e identificar e analisar as aulas de Educação Física nas Escolas Estaduais e detectar como se configura as relações de gênero entre meninos e meninas do 6º e 7º ano quando o conteúdo é o futsal.

2. A MULHER EM SOCIEDADES

O sexo feminino tradicionalmente teve um papel de inferioridade em relação ao sexo masculino, cujo comportamento era de total dominação, em boa parte da história. A mulher, portanto, foi considerada “incapaz” de produzir, física e intelectualmente, tanto quanto o homem, ficando assim às margens de uma sociedade patriarcal.

No período de acumulação primitiva, entretanto, de acordo com estudos de Saraiva (2005), a mulher exercia funções produtivas e econômicas, já que toda a família camponesa participava do trabalho, sem se desligar da agricultura. Mais acentualmente por volta do final do século XVIII, as características que configuravam produtividade são dissociadas da figura feminina, sendo sua atuação produtiva delimitada ao seio da família.

¹Utilizamos este termo considerando que nas escolas investigadas só há a prática do futsal, uma vez que o mesmo é uma derivação do futebol, acreditamos que a participação feminina neste universo acontece da mesma forma e proporção.

Nesta, a mulher deve cultivar suas qualidades reprodutoras e emocionais (ideal de mulher burguesa), dando-se assim, sua racionalização para a “terna feminilidade”.

Outrora, percebemos que o papel da mulher exprime sentidos políticos, de forma a atender aos interesses do meio social em que reside. Momento este, que se evidenciou durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII. O que representou, portanto certo status social, tornando-se público e notório suas ações familiares, ou seja, era o início do símbolo da “Primeira Dama” na política, que vigora em tempos atuais².

Conforme a autora supracitada, notamos, portanto, que a passagem do século XVIII para o XIX representou não apenas uma mudança de tempos, entretanto, significou também uma mudança de comportamentos, de hábitos e ações, que modificaram as relações sexistas, tornando a imagem feminina como a de “sexo frágil”, que deveria ser apenas a “progenitora”, cabendo as funções produtivas e econômicas somente ao homem.

Nesta perspectiva não podemos deixar de esclarecer que as discussões relacionado à categoria gênero, segundo Louro (1997) surgiram na constituição dos movimentos feministas do século XX, e foi realçado especificamente a partir da década de sessenta, quando este movimento tornou-se mais visível no meio social. Mas seu reconhecimento iniciou na década de trinta devido ao sulfragismo, considerado como a “primeira onda” do feminismo, o qual representou a luta pelo direito das mulheres ao voto, e a reivindicações ligadas à organização familiar, oportunidade de emprego e direito à profissão.

Essas mudanças vivenciadas e outras já anunciadas levam-nos a percepção de que alguns fatores importantes têm colaborado para mudanças dessa natureza como, por exemplo, a crise econômica, que, força a inserção cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, o aumento crescente das famílias chefiadas por mulheres, a organização das mulheres lutando por uma maior igualdade nas leis e na vida, entre outros fatores que influenciam constantemente nossas vidas e contribuem para alavancar a autonomia da mulher na nossa sociedade.

3. GENÊRO X SEXUALIDADE

Apesar de fazerem parte do universo humano, todos, homens e mulheres fazem parte do mesmo meio cultural e social, mas apresentam diferenças entre si e essas

²Grifos nossos.

diferenças são determinantes no papel que assumem na sociedade que segundo Louro (2003) estão fundamentados na idéia das diferenças de sexo e de gênero. Para a autora:

Diferenças de sexo são aquelas diferenças biológicas que se apresentam desde o nosso nascimento e que determinam “o ser macho” ou “o ser fêmea”. Diferenças de gênero são aquelas diferenças que se constroem na sociedade e na cultura, indicando os papéis adequados aos homens e às mulheres, delineando, portanto, representações de masculinidade e feminilidade. (p.82, 83)

Coadunando com esta idéia, segundo Souza e Altmann (1999, p.53), “gênero pode ser entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres, e acreditamos que as relações de gênero estabelecidas socialmente estão fundadas no caráter fundamentalmente social das relações de poder entre os sexos”.

As autoras citadas anteriormente avançam na discussão de gênero ao trazerem as relações de poder como fator determinante nas relações entre os sexos, deixando explícito que homens e mulheres são condicionados ao envolvimento de dominação. A entender melhor este assunto, Louro (1997) nos traz uma citação de Foucault:

Os gêneros se produzem, portanto, nas relações de poder, onde homens e mulheres, não são constituídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). (p.63).

Portanto, o modo como vemos cada um dos gêneros pressupõe oposição e polaridade, ou seja, para Saraiva (2005): “É preconcebido como feminino emocionalidade, intuitividade, suavidade, função de esposa e mãe; esperado do homem competência própria, atividade, lógica, independência, ambição, agressividade, etc.” (p.107).

Louro (1997) nos permite entender que, essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas e, nossa linguagem e nossas práticas, muito frequentemente as confundem tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, tanto na dinâmica do gênero, tanto na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre constituídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.

4. GÊNERO & CULTURA

O fato de alguns pais determinarem a seus filhos brinquedos pré-estabelecidos conforme o sexo, já se configura numa situação determinante pela cultura daquela sociedade. Ou seja, a cultura é que estrutura as formas de se brincar e os objetos com que se brinca, atendendo as particularidades de cada sexo.

Segundo Saraiva (2005), o adulto é que impõe à criança “de que” brincar e “com o que” pode e deve brincar resultando no que aparece na nossa realidade cotidiana: boneca e flores são utilizadas quase que exclusivamente pelas meninas; soldadinhos e automóveis, jogos de botão, bolas de futebol, são reservados para os meninos.

Essas configurações sociais que denotam os hábitos corporais masculinos e femininos vão, ao longo do tempo, transformando os sexos distintos em termos motores, ou seja, neste caso, os meninos se tornam mais habilidosos e as meninas em “antas”³ fato comum no cotidiano das famílias que tenham casais de filhos.

Percebemos que as características pessoais, o modo de ser de cada um, normalmente, determinam a forma de atuarem no meio social. Isso quer dizer que, meninos e meninas são induzidos pela cultura a se comportarem de maneira conveniente a cada sexo, ou seja, meninos, por adquirirem socialmente maior autonomia, brincam de carrinho e meninas, por serem condicionadas culturalmente a uma postura mais “recatada”, brincam de boneca.

Contudo, um dos elementos desta cultura, que causa muito “furor” em suas discussões, ao se referir as relações sexistas, é o futebol. Esporte este que traz consigo várias interfaces acerca das relações de homens e mulheres construídas socialmente, pelas quais iremos discutir a seguir.

5. GÊNERO & FUTEBOL

A participação feminina nos esportes não é novidade, pois desde o século XIX, já era possível apreciá-las em competições esportivas, como no remo, no ciclismo e no turfe. No início do século XX, outras modalidades foram sendo apropriadas pelas mulheres, tais como natação, saltos ornamentais, esgrimas, tênis, atletismo, voleibol, basquetebol, ginástica e arco e flecha. O futebol, embora reconhecido como uma prática também feminina pelo Conselho Nacional de Desportos apenas na década de oitenta, do século XX,

³Expressão ressaltada por Daolio (1997), por meio da fala de uma menina (aluna da escola pública) ao se referir a sua pouca habilidade motora em jogar vôlei.

foi objeto de resistência das mulheres quanto a sua impossibilidade, imposta por uma sociedade machista, de praticá-lo. (LOURO, 2003).

Entendemos que, social e culturalmente falando, não é comum a prática ao futebol/futsal pelas meninas e por isso, muitas meninas não adquirem um maior interesse pelo esporte. Fato esse construído historicamente, onde ao contrário os meninos são acostumados e “domesticados” a gostarem de futebol desde o nascimento.

Nas aulas de Educação Física, quando do conteúdo o futebol/futsal, prevalece à maior participação dos meninos em detrimento das meninas, onde o professor fica “retido” a uma constituição histórica, em que as meninas já se conformam com este “domínio” masculino na prática deste esporte, e, portanto, em sua maioria não questionam tal situação impregnada na sociedade.

Neste cenário de relações genéricas, portanto, há algumas escolas que adotam a prática co-educação⁴, ou seja, aulas mistas de meninos e meninas, entretanto, os meninos ainda impõem sua forma de praticar, como modelo a ser seguido por elas.

Vaz (2005) confirma ainda que:

Em tempo não muito distante, e presente ainda em alguns agrupamentos sociais, as meninas que se misturavam aos meninos para jogar futebol enfrentavam dois tipos de adversários: o primeiro é o processo de discriminação sexual, eram vistas como lésbicas, o que certamente trazia sérias implicações psicológicas a adolescentes ainda em fase de desenvolvimento das identidades sociais; o segundo é o próprio jogo como é praticado, por terem que se submeter à lógica de um jogo historicamente masculinizado, portanto, violento, vigoroso e agressivo. (p.33).

Contudo, futebol tem despertado um interesse cada vez maior por parte das mulheres, e, em um primeiro momento, este interesse parece ser restrito, de certa maneira, à cultura do futebol, à apreciação desse esporte, e, muitas vezes, à apreciação física dos jogadores. Mas isso não corresponde à realidade, o interesse das meninas pelo futebol vai além da contemplação, e nosso trabalho cotidiano mostra que elas desejam também praticá-lo, mas não só como uma mera participação e sim adquirindo a devida legitimação, e acima de tudo tendo o reconhecimento e apoio por parte das autoridades e sociedade como um todo.

⁴Termo utilizado por Saraiva (2005), referindo-se às aulas mistas com meninos e meninas.

6. GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISES DOS DADOS

A pesquisa por ora, caracteriza-se como de campo de caráter exploratório, designamos como instrumento de coleta de dados através de registro em diário de campo e fotografias, um roteiro para observações, bem como um roteiro de entrevista estruturada (contendo cinco perguntas) proposta aos interlocutores da pesquisa.

Utilizamos como amostra três (03) Escolas Públicas Estaduais. Em cada escola definimos duas (02) turmas, sendo uma (01) do sexto (6º) ano e uma (01) do sétimo (7º) ano. Numa população de 180 alunos (contando as três escolas), delimitamos como sujeitos seis (06) alunos (3 meninos e 3 meninas) de cada sala, perfazendo 36 alunos, no total, para as entrevistas.

A escolha das Escolas se justifica, por serem as únicas Escolas Públicas Estaduais, que no momento das observações, realizada no primeiro semestre de 2008, estavam trabalhando o conteúdo futsal com os respectivos anos. Já a escolha dos alunos entrevistados, se fez conforme a acessibilidade.

Para a análise do material coletado, das cinco perguntas utilizadas nas entrevistas, analisamos três, que atendiam nossas expectativas acerca da problemática da pesquisa. As outras duas perguntas versando sobre o gosto dos alunos pelas aulas de futsal, e a participação dos mesmos na elaboração das aulas, não entram nas análises de forma minuciosa, pois nos servem como título de informação para o envolvimento com a aula de Educação Física.

Nas perguntas analisadas, indagamos sobre o entendimento dos alunos sobre Educação Física; sobre as aulas de futsal mistas (meninos e meninas juntas), e, por fim, sobre possíveis melhorias sugeridas pelos alunos em relação às aulas de futsal mistas.

Ao serem perguntados o que entendiam por Educação Física, observamos neste caso, que as opiniões dos alunos e alunas de ambos os anos (6º e 7º) se aproximam, colocando o Esporte como a tônica do conceito de Educação Física, refletindo portando uma concepção “enraizada” social e culturalmente, ou seja, para eles/elas a aula de Educação Física condiz diretamente com as práticas esportivas em seu âmbito escolar.

No entanto, entendemos a definição de Educação Física, de acordo com COLETIVO DE AUTORES (1993, p.50) seja mais ampla, como um espaço pedagógico



que não se limita ao esporte, mas também ao jogo, dança, lutas, ginástica, brincadeiras, atividades física, entre outros, que compõem uma ação planejada e estruturada de modo a desenvolver as capacidades sócio-cognitivas e motoras das crianças.

Nas respostas dos alunos (as), ficou nítido também a presença do conceito de Educação Física como jogo, neste caso, para eles/elas o jogo, como uma perspectiva cultural, é entendido com uma prática esportiva, seja no futebol/futsal ou em qualquer esporte, pois entendem que, jogar bola é sinônimo de jogar futebol, característica que contrapõe o entendimento de jogo proposto pelo Coletivo de Autores (1993), que apresenta o jogo com caráter lúdico, como estafetas, jogos cooperativos, entre outros que, por sua vez, são colocados às margens da maioria das aulas de Educação Física no Brasil.

A segunda pergunta a ser analisada solicita que os alunos opinassem sobre as aulas mistas de futsal na aula de Educação Física, e nesta houve algumas opiniões divergentes. As meninas do sexto (6º) ano demonstram várias opiniões, no entanto, o que prevaleceu foi uma recusa às aulas mistas, por considerarem os meninos mais fortes e pela preferência ao handebol. Entretanto, ao contrário dos meninos, neste caso, as respostas refletem o que presenciamos nas observações: a maioria das meninas de fato tem certo receio em aulas mistas e demonstram um maior prazer na prática do handebol.

Percebemos através das leituras que o principal conteúdo nas aulas de Educação Física na escola é o futebol (na versão futsal) agregando os meninos e excluindo as meninas. E ainda, que quando as aulas não se apresentam com essas características, traz à tona uma disputa entre meninos e meninas que acaba promovendo outros conflitos que ocasionam, da mesma forma, a exclusão da maioria das meninas das aulas. (LOURO, 1997).

Notamos que, nas respostas dos alunos (as) de ambos os anos, houve uma diversidade de justificativas em relação às aulas mistas, alguns se acham melhores do que as meninas, outros dizem que gostam e que não têm preconceito. Porém as respostas se distanciam da realidade constatada através das observações, percebemos que há uma grande rejeição por parte dos alunos às aulas mistas e um enorme preconceito com a prática feminina ao futebol/futsal.

Das análises realizadas, consideramos que as relações entre os sexos foram/são construídas historicamente e obedecem a certo “padrão” social relacionado às normas e

valores que variam nos diversos momentos conforme as necessidades individuais e dos grupos.

Tanto a escola A quanto a escola B apresentam aulas mistas na grade curricular e o conteúdo programático “seria” o futebol/futsal, mas a realidade das aulas configura-se numa divisão entre menino e menina, e na proposição de outros esportes / praticas para as meninas. Na escola A é proposto o futsal para as meninas que tentam jogá-lo por 10 minutos, mas não havendo intervenção pedagógica do professor acabam brincando de forma aleatória e enfrentando as interferências dos meninos que adentram no espaço de jogo o tempo todo, já aos meninos a prática se apresenta por 35 minutos e as meninas exercem o papel de coadjuvante. Na escola B as meninas jogam handebol também por 10 minutos, enquanto que os meninos jogam o futsal.

Estes dados foram por nós comprovados quando das observações em todos os ambientes investigados. Neles, aos meninos foram indicadas à prática do futebol e às meninas que quisessem a prática aleatória do handebol ou ainda, a quem não se interessasse por nenhuma das duas atividades sugeridas, restaram à opção de simplesmente sentarem na arquibancada ou passearem pelo pátio da escola e se excluïrem da atividade.

Apenas na escola C, houve maior interação entre os meninos e as meninas, com o incentivo a participação de todos e a proposta de aulas diferenciadas das outras escolas, mas ainda assim, não houve nenhuma discussão que pudesse promover a superação da realidade vivenciada pelos alunos quanto às questões de gênero também fora da escola. Sobre estas divisões, Saraiva (2005) salienta que:

As ações “masculinas” no esporte tendem a servir de modelo para a prática deste, o que se transpõe para o esporte escolar, buscando-se sempre “os melhores resultados” também nessa pratica. O melhor resultado não é aquele que se obtém aproximando – se do seu modelo? As ações “femininas”, que não tem sido tomadas como modelo, pelo menos na pratica de movimentos desportivos, ficam assim negligenciadas e seus portadores, mal atendidos. (p.137)

Notamos através das respostas, que, ao contrário das meninas do sexto (6º) ano, a maioria das alunas do sétimo (7º) ano, demonstrou certo interesse pela prática, ficando claro em suas falas que elas têm capacidade, porém colocam o modelo masculino como referência, e, portanto, o que falta é ter maior oportunidade de vivência tanto na escola como fora dela também. Fato este, comprovado pelas observações feitas durante as aulas.

Entretanto, fica claro, que para os meninos do sexto e sétimo ano e para as meninas do sexto ano que as aulas devem ser separadas. Saraiva (2005) explica que a rejeição às aulas mistas é vista a partir da corrente tradicionalista, que concebe a Educação Física no paradigma tecnicista-higienista do esporte de rendimento e da atividade física como saúde, e que tende a adotar pontos de vista biológicos para explicar a diferenciação física e comportamental de homens e mulheres.

Esta mesma autora acrescenta ainda que:

A discriminação sexual em aulas de Educação Física é resultado da conformação de consciências estereotipadas que se dá no processo de socialização das pessoas. Esse é o caminho por meio da qual a criança, pouco a pouco, se introduz no repertório de papéis que precisará exercer como adulto participante de um grupo social (SARAIVA 2005, p. 75).

Com a terceira pergunta, indagamos quais seriam as melhorias sugeridas por eles (as) para a aula de futsal na Educação Física. Atentamos neste caso, que as opiniões masculinas e femininas são comuns nos dois anos, ou seja, a maioria dos meninos e das meninas elencaram questões de comportamentos dos alunos e de infra-estrutura das quadras, como fatores a serem melhorados nas aulas de futsal na Educação Física.

Ao observarmos as aulas, notamos que o comportamento dos alunos de fato, é alterado conforme a condução da aula, principalmente durante os jogos, onde a competição é extremamente latente, pela qual ninguém gosta de perder, ainda mais quando havia a presença das meninas nos jogos, haja vista que os meninos tinham uma necessidade em demonstrar a “superioridade” em relação às meninas, e em alguns casos desmerecendo-as durante as aulas. Para Saraiva (2005) este comportamento nos esclarece que:

Se as diferentes formas de comportamento no esporte não forem vistas como expressão de estereótipos de papéis contraditórios, mas sim como diferenças condicionadas culturalmente, têm-se uma nova luz sobre as dificuldades da prática conjunta e dos possíveis novos incentivos para a sua solução. (p.144)

Os estereótipos, de forma simplificada, para Saraiva (2005, p.37), “é o conjunto de características que “definem” o papel do indivíduo, enquanto o papel é o conjunto de comportamento esperados desse indivíduo”, e além do mais, estes estereótipos influem na percepção que os indivíduos têm de si próprio e dos outros e, portanto, influem nas relações interpessoais. Essas relações configuradas sob a influência dos estereótipos sexuais repercutem no esporte escolar e nas aulas de Educação Física, interferindo na prática educativa.

Isto posto, entendemos que a questão – problema lançada em nosso trabalho, que indaga acerca das configurações das relações de gênero e futebol nas aulas de Educação Física nas Escolas Públicas Estaduais em Catalão-Go, foi prontamente respondida, a priori através das leituras de nosso referencial, e posteriormente ao comprovarmos os dados, ora pelas observações, ora pelas entrevistas coletadas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nos colocamos conscientes que este é um tema gerador de polêmicas, sobretudo, quando ainda percebemos na Educação Física uma tendência histórica de os professores tratarem a questão do gênero de forma distinta, separando meninos e meninas das aulas de Educação Física, e se eximindo de qualquer responsabilidade para uma formação diferenciada e esclarecedora dos papéis sociais entre homens e mulheres

Consideramos ser necessária que se compreenda, então, que as discriminações às aulas mistas, se pautam através dos estereótipos sexuais impregnados historicamente pela cultura de cada sociedade, e por isso, a desmistificação dos mesmos, deve, então, passar pela escola e pela Educação Física, pois esta, no contexto escolar, se constitui no campo onde, por excelência, acentuam-se as diferenças entre homens e mulheres.

Entendemos que os argumentos básicos reforçados pelos autores elencados durante nossa discussão, para a viabilização das aulas mistas, é, dizerem que essa pode ser uma importante ampliação de vivências esportivas para ambos os sexos, com o conseqüente alargamento das capacitações motoras e possível aquisição de condições para a prática de lazer atuais e futuras.

Isso significa que a aula de Educação Física em separado para as meninas e meninos deveria ser evitada, porque somente em conjunto poderão ser buscadas a igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos, fatores esses necessários para a construção de relações entre iguais que, julga-se, podem impulsionar a transformação social.

Isto posto, concluímos que as relações que se configuram nas aulas de Educação Física entre meninos e meninas quando vivenciam o futsal em Catalão-GO, contribuem para perpetuar as relações separatistas entre homens e mulheres, estabelecidas e cultuadas pela sociedade como valores absolutos priorizando o masculino em detrimento do feminino

8. REFERÊNCIAS:

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: maris (e) homens na educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 1999. p. 112-117; 175-176.

BRACHT, Valter. *Aprendizagem social e Educação Física*. Porto Alegre: Magister, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia de Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1993.

DAOLIO, Jocimar. *Cultura: Educação Física e Futebol*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis. Vozes, 1997. p. 14-16.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL; Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). *Corpo, gênero, e sexualidade: um debate contemporânea na educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 09-83.

QUEIRÓS, Paula et al. Para uma Estrutura Pedagógica Renovada, Promotora da Co-Educação no Desporto. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman, (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004.

SARAIVA, Maria do Carmo. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: 2º ed. UNIJUÍ, 2005;

SOUZA, Eustáquia Salvadora de, ALTMANN, Helena. Meninos em meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, agosto/1999, p. 52-68.

VAZ, Antônio Carlos. Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. In: SOUZA, Adalberto dos Santos. *Desafios para uma educação física crítica*. São Paulo: Cult, 2005.